

DOCUMENTOS DE UMA GERAÇÃO:

Cartas de Anísio Teixeira a Fernando de Azevedo

CHARLES O'NEIL

A História da Educação Moderna no Brasil ainda está para ser escrita. Talvez a primeira tarefa do futuro historiador seja um estudo focalizando os "pioneiros da Educação Nova" que nos anos vinte lutavam pelas reformas educacionais.

Em nove cartas sucessivas dirigidas a Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira apresenta uma parcela da história desse grupo. As cartas indicam o quanto Anísio Teixeira acreditava na necessidade de reformas educacionais e revelam seu sentimento de responsabilidade para com o movimento de renovação e, mais ainda, para com o futuro do Brasil. Com o correr dos anos verifica-se que foi perdendo a confiança de que a Educação pudesse modificar o sistema social e econômico do país, sem abandonar, contudo, o desejo de educar os brasileiros para uma sociedade mais justa e democrática.

Além do interesse que despertam enquanto texto e colóquio entre Anísio e Fernando de Azevedo, as cartas valem como depoimento sobre as atitudes de quase toda uma geração de reformadores educacionais. O Arquivo Fernando de Azevedo no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo conserva centenas de cartas dos "pioneiros da Educação Nova", grupo que, apesar de suas divergências, concordava sempre nos pontos essenciais, principalmente no que se referia à importância de sua "missão" de introduzir novos métodos e novos fins na Educação nacional. As cartas revelam ainda a solidariedade mútua entre os componentes do grupo, sua tenacidade e seu desejo de continuar a luta em favor de uma "mentalidade nova", mesmo nas horas de maior desespero.

Faz-se necessário uma justificativa sobre o critério de seleção adotado para a divulgação das nove missivas. Foram escolhidas entre as mais de oitenta assinadas por Anísio Teixeira, pertencentes ao Arquivo de Fernando de Azevedo, porque versam sobre Educação em termos mais gerais. Como a correspondência entre os dois educadores está repleta de referências a afazeres administrativos sua publicação completa só seria oportuna se acompanhada de explicações detalhadas sobre cada contexto. Tornou-se, portanto, imperativa a exclusão e, mesmo no caso das nove cartas escolhidas, preferi eliminar um parágrafo dos textos datados

de 24 de outubro de 1956 e de 26 de junho de 1959, porque se atinham a assuntos burocráticos rotineiros; notas de apresentação apresentam os textos, quando necessário; além disso, optei pela atualização ortográfica para auxiliar a compreensão. Os esclarecimentos mais imediatos foram colocados no próprio texto entre colchetes.

Primeira Carta

NESSA ÉPOCA ANÍSIO TEIXEIRA ERA DIRETOR GERAL DE INSTRUÇÃO NA BAHIA E FERNANDO DE AZEVEDO EXERCIA O MESMO CARGO NO ANTIGO DISTRITO FEDERAL.

Bahia, 8 de julho (1929)

Meu caro Fernando,

Desde que cheguei à Bahia, tenho vivido em tal lufa-lufa, de visitas e de abraços e de almocos, que só agora quando já nenhum amigo pode se queixar de que eu não tenha almoçado com ele, é que me vai sobrando algum tempo para correspondência. Além disso, tive que elaborar a reforma que, conforme lhe disse, o Governo (de Vital Henrique Batista Soares) quer fazer passar ainda este ano, embora tenhamos apenas um mês de Assembléia. Mas, nem os trabalhos que me caíram pesados sobre os ombros, nem essa complicada vidinha de representação de província, me fizeram esquecer a bondade e o afeto carinhoso com que V. me recebeu ali no Rio. Eu já lhe disse af o bem que me fez esse contacto com seu espírito e com a sua obra. Saíra da Bahia [em 1928], direto para New York. Lá estive dez meses [em Teacher's College, Columbia University] O exame diário do trabalho gigantesco dos Estados Unidos em matéria de educação, a visão do que nele envolvia de complexidade, de conhecimento especializado e dinheiro, a compreensão mais viva desse exasperante determinismo econômico do progresso moderno, me haviam feito, deize que lhe diga, meio cético a respeito da possibilidade de uma obra educativa seria em nosso meio. Mesmo que nos sobrasse dinheiro, faltava-nos o conhecimento técnico e especializado, para realizar uma obra que é essencialmente uma obra de cooperação e de grupo. Cheguei mesmo a pensar que era cedo para um trabalho de renovação propriamente da escola. Urgia um trabalho prévio de publicidade, de educação dos Governos, que são entre nós a opinião pública, de preparação do especialista, de remessa de livros de professores a centros mais adiantados, para então criarmos o núcleo necessário para a renovação educativa.

Foi esse viajante meio descrente, que desejou, antes de chegar ao seu Norte atrasado e lento, conhecer um pouco do que V. estava fazendo nesse Sul, onde as cousas parece que já despertaram. Vi muito pouco e vi às carreiras, mas o que vi, fez-me bem. Vi, por exemplo, como o próprio fato de nos faltarem corpos especializados, para a obra complexíssima de educação, vinha permitir que um espírito como o seu estivesse a realizar um trabalho de tal harmonia e unidade, que não seria possível na engrenagem moderna da maioria dos sistemas escolares de grandes cidades americanas, devido à impersonalidade a que atingiu a aparelhagem científica da educação nesses outros centros. Por outro lado, vi como a circunstância de não haver propriamente uma tradição educativa em nossos centros e de estarem as nossas escolas de algum modo por fazer, lhe pudera dar uma liberdade de organização e de renovação, que em outros países, só

seria possível, revolucionariamente. Li na viagem o seu Regulamento e nele confirma o paradoxo de Dewey, de que as nações novas e menos adiantadas têm hoje melhores oportunidades educativas que os países de progresso amadurecido e isso porque naquelas a renovação não tem os impecilhos que encontra nas tradições e nos interesses das velhas correntes e velhas máquinas de educação desses outros países que comecem mais cedo.

Ajunte a isto, o contacto pessoal com V. e com os seus auxiliares e compreenderá a razão porque a minha ligeira passagem pelo Rio valeu por uma renovação do meu entusiasmo. Hoje estou arrependido de me não ter demorado um pouco mais, o que me não foi possível devido à urgência de minha chegada à Bahia. Permita, porém que lhe renove os meus agradecimentos de coração, enquanto alimento a esperança de que o vá rever breve, para estreitar melhor um conhecimento que foi para mim um prazer e uma honra. Muito seu admirador, e amigo.

ANÍSIO TEIXEIRA

Segunda Carta

EM 1933-34 ANÍSIO TEIXEIRA CHEFIAVA A DIRETORIA DE INSTRUÇÃO PÚBLICA NO D.F., E FERNANDO DE AZEVEDO LECIONAVA NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO EM S. PAULO.

Rio, 31-3-33.

Meu querido Fernando

A sua carta última há de ficar como um documento incomparável dessa solidariedade profunda de idéias e de sentimentos que nos une nessa campanha comum pela educação nacional. Apesar de todos os alentos que tenho recebido, sentia-me triste e fatigado e não sabia mesmo se me sobraria forças para insistir em uma luta tão profundamente desigual e tão carregada de inconpreensões e injustiça. Creia — e o digo na intimidade desta carta — a sua carta foi até agora o maior conforto e o maior estímulo que recebi, para continuar... Porque a luta não esmoreceu. Mudou, somente, de setor. Falhando, como falharem, os objetivos iniciais dos seu mentores, voltarem eles a trabalhar subterraneamente (1). Sinto os sintomas desse movimento à socapa. Em torno de uma cruzada nacional de educação — que é um desses movimentos de sub-inteligências, que se contentam com palavras e com sombras, desprezando as realidades duras do problema — e em torno da DGE (Diretoria Geral de Educação), sinto alargar-se o círculo dos que vêm na minha saída uma oportunidade larga para não sei que proveitos. Não estivesse em choque, cousas tão sérias e tão graves a respeito de ensino e educação, e eu cederia o lugar a essa fome de interesses e de vantagens. Ao lado, porém, desse palpitante de estômagos, vêm todo um obscurantismo pedagógico, que é precis combater com todas as forças.

Para esse combate, é que me veio, como um auxílio real, a sua palavra quente de entusiasmo. Agradeço-a, de coração, fazendo vo-

(1) Durante este período Anísio Teixeira chegou a ser o alvo principal dos grupos — principalmente católicos — que lutavam contra a escola nova.

tos para que lhe sobre sempre dessa coragem para o que lhe basta em sua atividade e lhe chegue para a distribuir pelo seu companheiro gratíssimo e mais do que nunca seu

ANÍSIO

Terceira Carta

Rio, 6 de junho, 1934

Meu querido Fernando:

Deizei com V. em S. Paulo, a promessa de uma carta, que faria caso tivesse com o chefe do governo [Getúlio Vargas], a conversa em que desejava focalizar os problemas nacionais de educação. Aqui chegado, nos empenhamos em campanha tão viva, junto a Constituinte, para fazer vingar as idéias da V. conferência de Niterói⁽²⁾, que não me sobrou vagar para a longa exposição que lhe desejava fazer. Depois a conferência combinada teve que se limitar ao Instituto de Educação, não podendo chegar ao debate sobre o problema geral. Foram, enfim, dias de refrega, que não nos deram pausa para cousa alguma.

Terminado o mais acoso da luta, não sei se há nos devemos dar por satisfeitos, de tal modo, apesar das investidas da rotina e dos interesses, as idéias principais vieram a ficar vitoriosas. Creio ter V. acompanhado daí ainda tudo, pelo menos o mais importante. O capital da Constituição [de 1934] contém o máximo que podia, no momento, triunfar entre nós. Preferimos, entretanto, de público acen-tuar, em parte, o que perdemos, uma vez que uma campanha mesqui-nhíssima mais uma vez pretendeu ferir a renovação educacional com a inerepiação de que o grupo que a sustenta tem outros interesses além do bem público.

Sentimos em todos os esforços a sua falta. A sua autoridade e o seu poder de persuasão poderiam conseguir mais e talvez evitar o caminho que tomou o movimento de reivindicação de imaginárias prerrogativas federais. Infelizmente, V. cá não estava, nem nos era possível criar a possibilidade de vinda a que V. me aludia.

Juntamente com isto, desenvolveu-se a tentativa de ferir o Ins-tituto de Educação, diminuindo-o moralmente perante o público com a cassação da sua equiparação. Essa retirada das vantagens oficiais para o I. E. foi objeto da decisão do C. N. Educação [Conselho Nacional del], dando o [Reynaldo] Porchat um parecer inacreditável pela sua futilidade. Obtivemos, entretanto, a visita do Presidente ao Instituto; e essa visita deixou a promessa de tratar diretamente do caso. Es-tamos a espera. Não tivemos, pelos menos, nada mais de desagradável.

Como ambiente geral, sinto, entretanto, que continuamos a lutar com a hostilidade, a indiferença ou a incompreensão. Sem dizer nada dos interesses feridos e dos não atendidos. O esforço de resistência chega a parecer-me que supera as minhas forças. Tenho dia a dia, maior necessidade de repouso e de descanso. Desejo tomá-lo, seguindo até a Bahia, para visita à família.

(2) A Quinta Conferência Nacional de Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação, em dezembro de 1932.

Logo que voltar, se não tiver V. para vir, hei-de inventar, se for preciso, motivo para V. vir, a fim de balancearmos a situação e reunirmos as forças para a luta que há de continuar. A situação federal é, hoje, ainda mais importante do que ontem para a reconstrução educacional. Como desejaríamos todos, vê-lo lá, presidindo o grande movimento nacional que ainda não foi feito pela educação!

Não temos tido cartas suas. As vezes o imaginamos sentido ou esquivado. Não atinamos, porém, com razão: Todos aqui estamos, como sempre, fiéis a V. e fiéis ao programa comum, procurando não desmerecer da tarefa que o destino nos confiou. Adeus. Escreva e escreva. Muitas saudações. Recomende-me a sua Senhora e creia sempre no seu pelo coração.

ANÍSIO

Quarta Carta

DE 1935 A 1946 ANÍSIO TEIXEIRA ESTEVE, POR RAZÕES POLITICAS, COMPLETAMENTE AFASTADO DA EDUCAÇÃO; FERNANDO DE AZEVEDO TAMBÉM NÃO OCUPAVA CARGOS ALTOS, MINISTRANDO CURSOS NA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

Bahia, 31-7-39

Meu querido Fernando — três meses de silêncio, três meses que passei afastado de Vooês, afastado da educação, afastado de qualquer vida intelectual e imerso em uma vaga iniciação comercial... Por isso não escrevi. Não tinha espírito para correspondência como a que fazemos entre nós. Talvez mesmo faltasse também um incerto sentimento de culpa, de infidelidade para com velhas vocações e compromissos. Sinto com efeito que vou sendo arrastado para setores completamente diversos dos em que batalhei e vivi até hoje. E que não resisto devidamente. Antes me deixo levar como se me agradasse a fuga que as circunstâncias me preparam e me facilitam.

O único contacto que guardo com a nossa antiga profissão de fé é a das tradições [de livros de John Dewey] que tão pouco me satisfazem, por isso mesmo que não sou um escritor, mas antes um professor e, talvez, um homem de ação. Sinto que não sou dos que aproveitam com os longos intervalos de contemplativismo e inação. E a educação, a velha causa a que nos devotamos, vai se distanciando... outras obrigações nos absorvem... e com o tempo quase nos sentimos estranhos e alheios dentro dos problemas e necessidades da educação nacional.

Ora Você é exatamente o contrário. Você é a inflexibilidade e a resistência e a fidelidade a despeito de todos os obstáculos. Há de perdoar, pois, que os tibios como eu se acanhem por vezes de lhe dar conta dos desvios que vão sofrendo em seus passados entusiasmos. Mas cá estou confessando-me e a confissão é o começo da contrição...

Mais que tudo isto, porém, desejo as suas notícias. Quero saber como vai você resistindo ao período em que vivemos. Quando passei pelo Rio, soube que havia grande desejo do Instituto da Educação de chamá-lo para o Rio, para uma cadeira da Faculdade de Filosofia. Estava, confesso, a esperar a nomeação para escrever-lhe. Seria retomar, pela cátedra, no Rio uma pregação que não se deveria

interromper. A sua ação se interromperia, como nunca aliás se interrompeu completamente, e antes ganharia novas possibilidades de repercussão e de penetração. Vejo, porém, que não acaba de se efetivar essa esperança. E que serão bem capazes de não chamá-lo. Será mais um golpe no meu quase gasto otimismo. Porque não vejo mais como esperar. A fase que vivemos é de anti-seleção e parece que se vai prolongar por muitos anos. Todos os países sofrem esses períodos, mas o que não se poderá evitar é que eles não produzam as suas consequências inevitáveis. E uma delas é a alienação de muitos elementos naturalmente devotados à causa pública para o campo da vida privada e dos interesses privados. As circunstâncias vão colaborando para que seja, talvez, eu um deles...

Enquanto vou assim me desgarrando, consolar-me-á saber da sua tenacidade e firmeza e do progresso dos seus trabalhos. O seu livro? A sua Sociologia? Tenho certeza que esse livro me fará pular do fundo de minha preguiça. O que pude conhecer dele trouxe-me aquela impressão de originalidade que lhe comuniquei. Neste sentido, será a primeira grande obra de educação escrita em nosso país. Três meses são imenso período... não será que já a temos no prelo?

E os seus, d. Elsinha e os filhos? A tribozinha nossa vai crescendo, com saúde e — para os pais — em graça. Recomende Emilinha a D. Elsinha e às suas filhas. E com o abraço muito saudoso e a amizade de sempre, sou o seu, muito seu

ANÍSIO

Quinta Carta

SS Mormacgull, 20-4-40

Querido Fernando — Não tem conta as cartas que lhe escrevi... e não lhe mandei. E agora, de viagem para aí, com dois intuitos — vê-lo e ver o Octalles [Marcondes Ferreira] —faço-me proceder destas linhas, porque não desejo surpreendê-lo magoado pelo meu silêncio. O seu grande livro Sociologia Educacional chegou-me, no devido tempo, com a sua afetuosa dedicatória e a sua grande mensagem. É o maior livro de texto escrito entre nós, rivalizando com os mais sérios tratados escritos no estrangeiro sobre a matéria. A sua carreira de educador começada com o inquérito do Estado [de São Paulo, 1926] chegou à sua mais alta expressão com este livro, que é uma coroação de todos os seus esforços. Somos tentados a abençoar o período de inação que lhe seria possível completar a parte doutrinária da sua obra. Está V. mais do que nunca maduro para realizar. Pode-se discordar em detalhes da sua obra, mas nas suas grandes linhas a Sociologia Educacional é uma lúcida e vigorosa formulação do estágio presente da ciência da educação. Dentro do livro agita-se a eterna questão, a questão fundamental do determinismo ou indeterminismo das diretrizes educacionais. É a educação toda ela um resultado de forças sociais, ou, em parte, pelo menos pode sofrer a direção voluntária do homem? Bem sei a sua resposta e a de Durkheim. Se houver uma ciência da educação, isto apenas nos aumentará o poder de modificar a educação. Transformamos o mundo material depois que lhe descobrimos as leis fundamentais. Perfeitamente. Mas a transformação, o sentido da transformação obedeceu

ao arbítrio humano. Ora, a educação é sobretudo um sentido. E este sentido é arbitrário ou imposto pelas instituições? Toda dificuldade está aí. Creio que em educação sempre haverá mais necessidade de filosofia do que de ciência. Estou em que a educação é, sobretudo, uma arte que progride como progride a música. Progride em técnica, em instrumental e em gênios criadores. O seu livro fascinou-me mais pelo que tem de filosófico do que de científico. Acho-o uma interpretação da educação e uma descrição do fenômeno educacional. Não me convenci do seu ponto de vista sobre a sociologia educacional. Acho que o filósofo da educação precisa de trabalhar cada vez mais sobre os dados da ciência mas que não há uma ciência da educação, mas uma ciência do fenômeno social e uma ciência do fenômeno psíquico e uma, talvez, do psico-social. E com elementos, é destes elementos que se faz a arte da educação, como a da Medicina e mesmo a da engenharia se fazem com os elementos das ciências biológicas e matemáticas. São, porém, meu caro Fernando, grandes questões sobre a ciência da educação que se não podem debater por carta. As diferenças são mais aparentes do que reais. Até por a esta é apenas a avant-coureur de minha chegada, destinada sobretudo a aplacar-lhe o justo ressentimento pelo meu silêncio. Até amanhã, e um grande abraço do seu

ANÍSIO

Sexta Carta

EM 1951 ANÍSIO TEIXEIRA ERA SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO DA BAHIA ENQUANTO FERNANDO DE AZEVEDO CONTINUAVA NA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA USP.

Bahia, 31 de março de 1941

Meu caro Fernando

Recebi um telegrama da União Paulista de Educação, assinado por Solon Borges dos Reis, comunicando-me o desejo de celebrar o vigésimo aniversário do seu Manifesto dos Pioneiros da Reconstrução Educacional, com a presença dos signatários desse documento.

Não tenho o Manifesto em mãos, mas julgava que o vigésimo aniversário seria em 1952 ou, quando muito, em fins de 1951. Que sabe você do assunto?

Antes de qualquer decisão quero ouvi-lo. Não sei se essa comemoração tem oportunidade. Aí está o projeto de Bases e Diretrizes empacado desde... quando? O país é aquele mesmo de que dizia Nabuco faltar solidez para medrarem raízes. Tudo nasce mas não pega. O conselho seria continuar a plantar. O manifesto é, porém, semente velha, a despeito de tudo nele ser ainda bom e sã. Os pioneiros são hoje veteranos frustrados em seus sonhos de pioneiros.

Escreva-me.

Com um grande e saudoso abraço do muito, seu

ANÍSIO

Sétima Carta

Bahia, 18 de Maio de 1931

Meu caro Fernando

Tenho em mãos sua carta de 25 de abril e também o pedido oficial de informações sobre o ensino de Sociologia, etc.

Não respondi ao último porque o Thales de Azevedo, professor de Antropologia informou-me havê-lo feito, por pedido direto seu. Como sabe, não sou professor aqui e tenho, relativamente, pouco contacto com a "universidade" local.

Depois do telegrama da União Paulista de Educação, recebi carta muito interessante do Prof. Carranca para ir a Santos acompanhá-los, com uma palestra ou uma cousa que o valha, em seu movimento de análise e avaliação do ensino secundário no país. Escrevi-lhe, escusando-me, porque não creio nesses movimentos escarpados e parciais. Chegamos a um ponto em que urge um balanço rigoroso da situação educacional, para se planejar a sua reconstrução.

Não se pode negar que de 32 para cá houve certo progresso na área de consenso de opinião e também, talvez, na compreensão da dificuldade de reformar educação, mas, ao mesmo tempo, e, quíça como consequência, uma visível hesitação sendo inibição diante de tarefa a realizar. Como o importante é muito difícil, tocou-se a fazer o acessório, o não importante, o apenas extraordinário, deixando-se o trabalho de base para... quando for possível. Ora, isto é tudo que há de mais perigoso. Cada vez será mais difícil a reconstrução, se perdemos assim de vista os problemas fundamentais. No ensino secundário, a expansão continua sem a menor segurança nas peças estruturais desse ensino, sobretudo no que diz respeito a professorado e pessoal técnico. No ensino superior, a recente federalização de universidades foi a oficialização definitiva de expansão sem plano desse ensino. No ensino primário, continuamos o processo de regressão, com expansão de escolas e redução de conteúdo. Em meio a tudo isto, o ensino supletivo entra a crescer, como remédio, talvez, mas também sem conteúdo nem qualidade.

Acho, assim, que nunca estivemos tão mal. O movimento agora devia ser por algo menos doutrinário que em 1932 e mais concreto, mais na ordem de levantamento da situação e planejamento do desenvolvimento educacional do país. Como, porém, seria isto possível?

Estou agora como Secretário-Geral desta Fundação que você vê aí no cabeçalho [Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia]. Temos de recursos 0.25% da renda tributária do Estado e queremos com isto estimular o trabalho científico no Estado.

Temos em desenvolvimento uma pesquisa social de comunidades, sob a direção do Prof. Charles Wagley, da Colúmbia [Universidade], de que você já deve ter ouvido. E, além disto, o inquérito-testemunho sobre relações inter-raciais, em convênio com a Unesco.

Mando-lhe cópia dos nossos estatutos. A nossa Fundação deve muito a S. Paulo, onde se iniciou o movimento por Fundações desta natureza.

E até breve, meu caro Fernando. Faço votos para que sua filha esteja em perfeita saúde, pedindo para receber com D. Emília as visitas de Emilinha e do

seu de sempre,

ANÍSIO

Oitava Carta

NA ÉPOCA DAS DUAS ÚLTIMAS CARTAS ANÍSIO TEIXEIRA ERA DIRETOR DO INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS E FERNANDO DE AZEVEDO DIRIGIA O CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS REGIONAIS EM SÃO PAULO. O CENTRO ERA SUBORDINADO AO INEP.

Rio, 24 de outubro, 1956

Meu caro Fernando

Recebi ontem a sua carta de 21, que muito lhe agradeço. Toda a matéria do início dos trabalhos do Centro sugeriu-me falar-lhe a respeito de certos objetivos que tenho mais in petto do que expressos, para o nosso trabalho.

Primeiro — a minha idéia de "pesquisa educacional" além de compreender tudo que é realmente pesquisa incluiria algo de mais geral, que seria transmitir a todo o sistema escolar, da classe a sala do diretor, a idéia de que todo esse imenso aparelho é um aparelho de coleta e registro de fatos; que tais fatos constituem a matéria prima para a pesquisa; e que portanto, se forem melhoradas as formas de registro de fatos e os mesmos se fizeram cumulativos — na escola e na classe se encontrarão sempre um material abundantíssimo para o estudo dos alunos, dos métodos e do conteúdo de ensino.

Isto posto, um dos primeiros trabalhos-raízes do Centro seria o preparo de formulários e fichas para o registro de fatos escolares. Substituir o espírito puramente estatístico ou, se quiser, quantitativo dos registros escolares, pelo qualitativo. Haveria então uma ficha de aluno, desenvolvida e cumulativa, que nos daria a história do aluno na escola. Uma ficha idêntica do professor. E, possivelmente, outra de fatos escolares, algo como o diário de bordo de um navio. Com esses três documentos, teríamos sempre um conjunto de fatos seguidos e, repito, acumulados, isto é, longitudinais sobre o aluno, o professor, e a escolas verdadeiro tesouro para pesquisa de toda espécie.

Segundo — além de acumulação desse material, o professor e o diretor da escola seriam instruídos de que eles sempre se poderiam dirigir ao Centro para estudar problemas que lhes tivessem surgido e que não tivessem capacidade de resolver. Deste modo, não seriam apenas coletores de fatos mas pessoas que estariam refletindo sobre esses fatos e sentindo os problemas que eles suscitavam. E, assim, estariam fazendo parte do grande corpo de pesquisadores educacionais em que se deve transformar toda a profissão do magistério.

Terceiro — Por sua vez o Centro não deveria ser apenas um foco de pesquisas, mas um núcleo de preparação de material de ensino, compreendido nesta expressão, tudo que forem recursos materiais a

educação, desde livros, de texto e de fontes, guias e mesmo o que, nos EEUU, se chama de instruction materials, isto é, material de laboratório e de classe.

O Centro manteria setores de a) leitura, escrita e matemática; b) ciências; c) ciências sociais; d) artes industriais; e) desenho, etc., etc. Cada um desses setores estaria trabalhando na produção não tanto de métodos quanto de meios, recursos e expedientes de ensino. O resto que voce tem aí os guias de ensino primário do Distrito Federal que fiz republicar. Adaptar e desenvolver tais guias para S. Paulo parecia-me um grande trabalho a que o Centro poderia desde já dedicar-se. Examine esses guias e veja como são interessantes e atuais. Pode adaptá-los com bibliografias de hoje para S. Paulo.

No campo das ciências na escola primária, poderia V. imaginar absorver a secção de ciências do dai e montar numa secção de ciências nas escolas normais e nas escolas primárias que poderia se fazer algo de revolucionário, mostrando como se poderia hoje fazer uma iniciação científica na escola primária. Mando-lhe estas idéias escritas assim ao correr da pena, para lhe significar quanto penso poder o Centro se formar algo de concreto e prático no auxilio ao magistério e às escolas. Tudo está em substituir a idéia de reformar a escola por preceitos, ou ordens, ou determinação, ou normas, pela idéia de reformá-la pela mudança de condições, pelos nossos recursos oferecidos e pela transformação das idéias dos professores.

Contando estar aí em novembro sou o seu de sempre,

ANÍSIO

Nona Carta

Rio, 26 de junho, 1959

Meu querido Fernando, aqui estamos com o Manifesto⁽¹⁾ que, realmente, é um documento alto e, acredito, vai concorrer para por a questão em seus devidos termos. O debate, já está na comissão, definindo-se as linhas de influência pelo Carlos Lacerda e San Tiago Dantas.

Por isto mesmo, o Manifesto não será lido na Câmara pelo San Tiago, já, de certo modo, protagonista do drama, mas, pelo Luis Viana, que, mais distante, dará ao documento o sentido de proclamação de consciência educacional do país, destinado a agir sobre o corpo deliberativo, polarizando entre as duas figuras da UDN e do PTB. [i.e. C. Lacerda e San Tiago Dantas].

A questão das assinaturas é muito importante e, para isto, o Paschoal [Leme] está percorrendo as residências dos signatários do Manifesto de 32, com os acréscimos de sua indicação e mais os que vimos aqui sugerindo. Junto a esta a lista que estivemos preparando.

Fomos obrigados a copiar novamente o Manifesto, pois, o número de assinaturas é superior as dos exemplares que recebemos.

(3) Fernando de Azevedo, «Mais uma vez convocados (Manifesto ao povo e ao governo)», Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, XXXI (Abril-Junho, 1959), pp. 3-24.

Li todo o documento com atenção e tomei apenas a liberdade de sugerir que, na pág. 16, fosse supressa a expressão intercalada — ensine quem quiser e como puder — pois usei-a, em entrevista recente, em sentido um tanto diverso e isto provocará a insinuação de contradição. Fiz uso do slogan no sentido de que, se ensino privado quisesse verdadeiramente liberdade, devia buscar a sua independência não aceitando também a sansão do Estado. Como vê, doutrina pacífica e já justificada por todos os cursos, que não apuram validade legal.

Retirada a expressão, nada perde o seu texto. Devo-lhe dizer que considero exemplar todo o manifesto e se for provocado a acrescentar-lhe alguma coisa, procurarei não me afastar do seu texto, sublinhando apenas, talvez um pouco mais, pois lá já está tudo, o caráter nacional da escola pública, a mais capaz de transmitir e infundir aquele conjunto de crenças e valores comuns, que o Estado propugna à vista exatamente de ser o defensor da liberdade de consciência individual de cada um. A antiga neutralidade é hoje conceito muito mais positivo. Mais de que neutralidade, a escola defende um corpo de valores comuns e, de certo modo, mais altos ou mais largos do que os valores particulares de cada confissão. A democracia é, verdadeiramente, uma "fé comum", a ser instilada, sem prejuízo das diversas fés confissionais.

Quanto à publicação, penso que o manifesto só deverá vir a lume, depois de lido na Câmara. Seria esta uma homenagem dos autores a consciência do Legislativo Nacional. Acredito que V. concorde. Nesse caso, o manifesto seria lido na 3.ª ou 4.ª feira, e publicado na 4.ª ou 5.ª. Somente 2.ª feira poderei comunicar-lhe quando será feita a leitura, pois da demarches a fazer, na Câmara, para se conseguir a prioridade.

.....
Oreia que, em meio a tudo isto, dá-me uma grata e profunda satisfação vermo-nos todos, de novo reunidos, em torno de seu nome, seu pensamento e sua figura. Realmente, seria grave, se a sua voz não viesse, neste momento, chamar-nos de novo à unidade. Ficamos todos gratíssimos ao seu trabalho. Com meu forte e grande abraço, o seu, muito seu

ANÍSIO